

# MÚSICA E DANÇA NO CURRÍCULO ESCOLAR: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO BÁSICA NA GUINÉ-BISSAU<sup>1</sup>

Laercia Pereira Baptista<sup>2</sup>

## RESUMO

A pesquisa tem por finalidade questionar ausência dos elementos culturais na formação escolar dos guineenses. Música e dança foram os elementos escolhidos para este estudo. Justifica-se particularmente pela minha inquietação e também por ser considerados itens indispensáveis não só na cultura guineense, mas em qualquer manifestação culturais africanas. Entretanto, instigar/provocar esse tipo de debate no âmbito educacional, é necessário na sociedade guineense, visto que os nossos currículos escolares seguem ainda padrões ocidentais. Isto é, nas escolas praticamente não se ensina quase nada a respeito de nossa história e cultura na Guiné-Bissau. Sob essa lógica, é possível afirmar que “ *Guiné liberta, mas sociedade ka liberta*”.<sup>3</sup> Assim sendo, no presente artigo, procuramos mostrar que os elementos culturais (música e dança) são fundamentais na formação do guineense, tendo em vista a sua contribuição ao longo da nossa história. E nessas andanças, constatamos que é necessário descolonizar o currículo da educação básica na Guiné-Bissau. Para elaboração deste trabalho utilizamos como método, a pesquisa bibliográfica, no qual analisamos documentos importantes tais como: a lei de base do sistema educativo guineense, artigos, livros dos diferentes autores que debruçaram sobre a temática.

**Palavras-chaves:** dança na educação - Guiné-Bissau; educação básica - Guiné-Bissau - currículos; música na escola - Guiné-Bissau.

## RUZUMU

É tarbadju li, i tene suma objetivu kestiona falta di kussas di noh kultura/tchon na formason di no mininus. Noh kudji muzika ku badjú suma kussas pa studa li. Enton, pa djustifica é skolha kum faci , i pa fala i surgi na bazi di nha diskontamentu di falta di kussas di tchon na scola e també musika ku badju i kussas importanti dentru não só di kultura guinénsi, suma també di na kualkuer manifestason kultural afrikanu. Provoka é tipu di assuntu na área di educason i interresanti na sociedade guinénsi, pabia noh mininus hora k bai scola ekata sinadu pratikamenti nada sobri kussas di tchon. É mas ta sinadu kussas de brankus. Deh forma, no pudi fala kuma “ *Guiné liberta, mas sociedade ka liberta*”. Pabia deh kussas kuta aconteci na educason. Neh piskisa li, noh tenta mosta guintis kuma kussas di tchon, nes cazu li di muzika ku badju , i importanti pa formason di noh mininus, pabia muzika ku badju au longu di no istoria é desempenha um papel extraordinário. I nes curridas, no odja di kuma kurrikulu di ensino básico precisa di diskolonizadu na Guiné-Bissau. Pa tchia é conclusons, no uza suma metudu, piskisa bibliografika, nunde ku no analiza dukumentus importantis suma: lei di basi di no sistema di educason, livrus, artigos di diferentis guintis ku scrivi sobri noh temática.

**Palabras-tchabis:** badju na edukason; edukason básica - Guiné-Bissau - kurrikulu; muzika na scola - Guiné-Bissau.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto.

<sup>2</sup> Bacharela em Humanidades e Licencianda em Pedagogia pela UNILAB.

<sup>3</sup> Trecho da música de Iva & Ichi, que em tradução literal, quer dizer a Guiné-Bissau libertou da colonização, porém, a sociedade ainda não se libertou.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo almeja de modo geral problematizar a ausência dos elementos culturais na formação do escolar do guineense. Música e dança foram os elementos escolhidos para este estudo. A escolha dá-se pelo papel primordial que desempenham nas culturas africanas. E sob outra perspectiva, pela força que as músicas principalmente étnicas tem ganhado espaços na sociedade guineense nos últimos tempos, principalmente entre a camada juvenil e por último, o mais importante, pela minha inquietação acalantada ao longo dos anos.

Ora, nasci e cresci em meio a um grupo de mulheres que tinham como missão levar um pouco de alegria, por meio das músicas tradicionais, às pessoas que por infelicidade perderam um ente querido na família. Com o passar dos anos eram convidadas também para atuarem nas festas, casamentos e etc. Por exemplo, nas vésperas do carnaval devido ao concurso infantil,<sup>4</sup> eram contratadas pelas diferentes instituições escolares para falarem e também ensinarem às crianças e jovens as danças dos alguns grupos étnicos que compõem a Guiné-Bissau. Todavia, muitos adolescentes, principalmente crianças, devido ao curto espaço de tempo acabam não aprendendo muita coisa. E aí, a solução mesmo é esperar o próximo ano para resolver a situação. Em contrapartida, esses adolescentes possuem uma visão um pouco distorcida no que tange às questões tradicionais guineense e, isso acaba de certa forma dificultando o seu processo de aprendizagem.

Em face do exposto, acredita-se que o presente estudo pode contribuir, no âmbito educacional, no processo de construção de identidade guineense e na preservação da cultura da Guiné-Bissau, visto que, em primeiro lugar existem poucos estudos culturais no país principalmente nesse campo. Em segundo, esses elementos culturais destacados são um dos importantes nas culturas africanas. Sob outro ângulo, o artigo servirá como um incentivo ao processo de descolonização curricular na Guiné-Bissau, porque é realmente preciso ceder espaços aos conhecimentos endógenos.

O presente trabalho em termos organizacionais, divide-se em 3 partes e com as suas respectivas ramificações. Na primeira etapa, fez-se uma espécie de averiguação curricular do ensino básico com fim de encontrar elementos relacionada a cultura da Guiné-Bissau, porém antes fez-se uma demonstração da relação entre o currículo e a cultura. Em outras palavras, procuramos promover uma reflexão sobre a relevância da inserção dos elementos culturais no

---

<sup>4</sup> É um concurso realizada anualmente. Geralmente ocorre (a nível interno e interescolar) nos primeiros dias de carnaval, para isso, antes desta festa as crianças/adolescentes são ensinadas músicas e danças dos diferentes grupos étnicos. Tudo com intuito de elevar a cultura guineense.

currículo escolar. Já a segunda etapa, dividida em dois momentos importante, com o objetivo de expor a importância da música e da dança na cultura guineense, foi traçado em linhas gerais o panorama da música e dança nas culturas africanas e logo em seguida enfocamos no nosso recorte específico - cultura guineense. Este esforço se justifica pela necessidade de ressaltar o valor da música e dança na constituição da identidade. E na última etapa do artigo fez-se uma reflexão da relevância da música e dança na formação escolar do guineense.

## **2 CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E A CULTURA GUINEENSE**

*“Quando a nossa educação não reconhece nossa cultura e não age com base nela, não estamos sendo educados, estamos sendo colonizados.”  
(Soba Nvula zage)*

Os componentes curriculares/disciplinas ofertadas tanto nas universidades como nas escolas são extremamente importantes para a formação dos estudantes. Por isso, antes de defini-los, é necessário olhar também o contexto no qual se pretende implementá-los. Em outras palavras, pensar num currículo que corresponda não só com a formação escolar e profissional dos estudantes, mas que olhe principalmente a cultura local. Neste sentido, ANTÔNIO & VERA (2007) destacam que, é por intermédio do currículo que certos grupos sociais, especialmente as elites, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, ” sua verdade”. Portanto, é importante ter muita cautela na elaboração desse documento.

Na Guiné-Bissau, percebe-se que o nosso currículo tem priorizado mais outras realidades culturais do que a nossa própria riqueza cultural. Alguns autores já chamaram atenção sobre a necessidade de pensar no ensino da cultura local para a formação de cidadão consciente da sua cidadania. Para isso, o currículo como sendo um conjunto de práticas que propiciam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais, como CANDAU (2007) nos ensina, deve jogar um papel importante para institucionalizar e transmitir cultura para novas gerações.

Nessa mesma ordem de ideia, ADRIANA JESUS (2008) explica:

Currículo também é inseparável da cultura. Tanto a teoria educacional tradicional quanto a teoria crítica vêem no currículo uma forma institucionalizada de transmitir a

cultura de uma sociedade. Sem esquecer que, neste caso, há um envolvimento político, pois, o currículo, como a educação, está ligado à política cultural. Todavia, são campos de produção ativa de cultura e, por isso mesmo, passíveis de contestação. (JESUS, 2008, p. 2639)

Na Guiné-Bissau o currículo escolar não dialoga muito com a cultura guineense, isso porque nas escolas do país quer na educação básica como no ensino superior, de certa forma, continuam com as heranças coloniais e hegemônicas de uma cultura ocidental que se pretende universalizar. Como consequência nas instituições educacionais estuda-se pouco ou quase nada sobre a cultura da Guiné-Bissau. E este fenômeno é preocupante, pois a formação dos futuros líderes da nação está em causa. Por isso, é urgente repensar o nosso sistema educativo o quanto antes. Não faz sentido nenhum um país rico culturalmente como a Guiné-Bissau e não souber aproveitar essa riqueza no âmbito educacional. Ao afirmar isso, não quer dizer que ensinar outras culturas do mundo não é interessante, mas a sua tem que ser prioridade.

Nesta perspectiva, (UTINCO, 2020), em suas pesquisas, vem realçando também que os elementos culturais devem ser levados em conta e considerados fundamentais no processo de aquisição de conhecimento, isto porque as expressões e saberes culturais de um determinado povo influenciam de maneira significativa todos os setores da sociedade, incluindo, igualmente, o sistema educativo”. Em suma, é indispensável olhar o contexto cultural dos alunos quando se pensa em um projeto educativo.

## 2.2 ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Educação básica é uma das etapas cruciais da educação, por isso, merece uma atenção especial. No entanto, para que um número considerável de estudantes que se encontram nesta fase tenha acesso à educação e também de qualidade, é preciso uma política capaz de atender as necessidades destes alunos, desde os menos vulneráveis até os mais carenciados. Isto porque muitas das vezes devido à extrema pobreza dos pais, muitas crianças deixam de frequentar as escolas nesta fase tão importante do desenvolvimento, como acontece, por exemplo, com muitas crianças que vivem nas zonas rurais na Guiné-Bissau.

E referente ao acesso ao ensino básico na Guiné-Bissau, é importante destacar:

Apesar de a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino básico estarem consignadas na lei Fundamental da Guiné-Bissau, o sistema de ensino está longe de poder acolher uma boa parte das crianças em idade escolar (7 anos), deparando o sistema com problemas de infra-estrutura( gravada pela recente guerra que deflagrou o país) que compromete grandemente o acesso, a qualidade da oferta, a equidade a vários níveis e a gestão do sistema. {...} (Ministério da Educação Nacional, 2003, p. 26)

Deste modo, podemos perceber que, mesmo com o projeto de lei que inclusive consta na Constituição de República da Guiné-Bissau de 1996, no Artigo 49º, nº 1, que fala “ Todo o cidadão tem o direito e o dever da educação”. O sistema de ensino, por sua vez, como está sobrecarregado e com série de outras demandas, mostra que não tem condições de acolhê-los. Sendo assim, estes estudantes querendo ou não estão condenados a ficar fora do sistema escolar, o que constitui uma grave violação dos direitos das crianças.

Vale destacar que, o sistema educacional guineense está organizado da seguinte forma: educação não formal (alfabetização, educação de jovens e adultos, cívica...) e educação formal (educação pré-escolar, ensino básico, ensino secundário, ensino superior). E referente ao Ensino Básico, que é foco do presente trabalho, na Guiné-Bissau ela é universal, obrigatória e gratuita. Possui a duração de 9 anos, dividido em 3 ciclos: o primeiro ciclo corresponde 1º a 4º ano de escolaridade (subdividida em duas fases), segundo condiz o 5º ao 6º ano de escolaridade e a última etapa corresponde 7º, 8º e 9º anos de escolar. No entanto, cada uma dessas fases do ensino básico possui um objetivo: a primeira e segunda etapa, o foco se acentua no desenvolvimento da leitura, escrita, aritmética, cálculo, expressões motor, plástica, musical e dramática. A 3.ª fase tem por objetivo trabalhar a questão de formação pessoal e social, que envolve a educação sexual e reprodutiva, educação sanitária, educação ambiental e do consumidor, pela formação física e desportiva, de direitos humanos, cívica, artística e musical, científica e tecnológica. Já a 4ª fase (terceiro ciclo) prioriza os conhecimentos nas vertentes humanística, literária, artística, física, e desportiva, científica e tecnológica indispensável ao ingresso na vida ativa ou ao prosseguimento de estudos, bem como a orientação escolar e profissional que o permita optar consciente e voluntariamente entre prosseguir na formação subsequente ou inserir-se na vida ativa. (LBSE, 2011).

E ainda sobre o ensino básico na Guiné-Bissau, JOÃO MONTEIRO (2005) afirma:

O conteúdo do ensino ministrado no actual Ensino Básico e a sua organização em disciplinas assentam numa estruturação herdada do período colonial, definida pelo decreto lei no 45 908, de 10 de setembro de 1964 e remodelada pela reforma curricular entabulada no início da década de noventa. Assim, a aprendizagem no Ensino Básico está estruturada em torno de três massas disciplinares: o primeiro pilar é constituído por disciplinas instrumentais como sejam a matemática e o português. O segundo pilar reúne as chamadas matérias de descoberta constituídas pela história, geografia e ciências. Depois, junta-se à matriz um conjunto de actividades disciplinares que concorrem para a iniciação à vida cívica, artística, económica, doméstica, ambiental, em suma para uma melhor compreensão do meio envolvente. (MONTEIRO, 2005, p. 20)

Compartilho a ideia de que é necessário e urgente repensar o novo modelo educacional na Guiné-Bissau, pois só assim as crianças e jovens poderão reconhecer e resgatar a nossa

cultura. EMANOEL SOARES (2018), por sua vez, sublinha também que “a educação herdada através do sistema de ensino do colonizador na Guiné-Bissau traz um descolamento entre a real sociedade e o mundo prático dos guineenses. São relações mecânicas e não dialéticas, cujos educandos absorvem os valores do sistema europeu que são transmitidos pelos dominadores, impossibilitando a unidade da prática e da teoria. ”

### 2.3 CULTURA GUINEENSE E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

A Guiné-Bissau é um país pequeno em termos territoriais, porém grande em diversidade cultural e, isso faz dele uma nação rica cultural, no significado da sua complexa geografia: maravilha dos nossos arquipélagos, da pluralidade das nossas identidades, de nossas línguas e das figuras proeminentes da nossa sociedade. Vale destacar que, os diversos grupos étnicos que compõem o país, possuem a sua própria cultura, isto é, suas línguas, costumes, crenças, músicas, festas, danças e etc. E essa pluralidade cultural não é só verificado na Guiné-Bissau, mas em todo o continente africano.

Conforme os escritos do CELESTINO MACEDO (2022):

Muitas comunidades-Nações habitam a República da Guiné-Bissau, entre elas: **balantas, papeis, beafadas, mansoancas, nalus, mancanhas, bijagós, mandingas, manjacos, saraculés, felupes**. Todas elas exibem diferentemente a sua cultura e tradições, valores e referências, considerados, hoje, riquezas nacionais. Essas riquezas nacionais são patrimônios por descobrir, pois reporta-se a nossa história, a nossa filosofia, a economia, a política, as humanidades que luzes demos, as ciências que impulsionamos, as tecnologias que criamos na asserção da antiga Guiné, ampla semanticamente e extensiva geograficamente. (MACEDO,2022, P. 07)

Uma vez considerando esses grupos étnicos como patrimônios nacionais, por contar de certa forma a nossa história...aí pergunto: Por que não inserir essa riqueza no contexto escolar? Podemos perceber que até a presente data não existe um componente/ disciplina específica que fala da cultura guineense na escola. E como consequência, crianças e jovens quase não conhecem nada de nossa cultura. O pouco que sabem muitos aprenderam com os avós e com os mais velhos da comunidade. Além do mais, algumas crianças até sabem o grupo étnico na qual pertencem, só que sentem vergonha de manifestar ou expressar a sua cultura, pois acham que são inferiores em relação a outras. O que dificulta o processo de constituição da sua cidadania. Portanto, para suprimir com os estereótipos e as lacunas deixadas pelo processo colonial no que tange a nossa educação, é preciso e urgente descolonizar o nosso currículo na Guiné-Bissau, pois, só assim é que vamos poder ceder espaços aos elementos importantes de

nossa cultura, como por exemplo: os saberes e conhecimentos da nossa ancestralidade.

E ainda no que concerne à descolonização curricular, podemos enfatizar:

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Muito já denunciemos sobre a rigidez das grades curriculares, o empobrecimento do caráter conteudista dos currículos, a necessidade de diálogo entre escola, currículo e realidade social, a necessidade de formar professores e professoras reflexivos e sobre as culturas negadas e silenciadas nos currículos. (GOMES, 2012, p. 102)

Criar um novo currículo escolar que contemple as culturas oprimidas ao longo dos séculos, de facto não é uma tarefa fácil, porém não é impossível, pois só mesmo “por meio da educação pode se combater a manifestação de discriminação, preconceitos ou agressões que afastam grupos, ou os deixam à margem. A educação possibilita aos indivíduos reflexões e atitudes mais humanas e solidárias”(MACÊDO, 2018).

### **3 IMPORTÂNCIA DA MÚSICA E DANÇA NAS CULTURAS AFRICANAS EM ESPECIAL GUINEENSE**

#### **3.1 MÚSICA E DANÇA NA CULTURA AFRICANA**

*“Sua cultura é o seu sistema imunológico”  
(Marimba Ani)*

A arte é muito presente na vida dos africanos, pois todos os acontecimentos da vida africana são comemorados com música e especialmente com dança, sendo uma interdependente da outra; o que não faltam são os motivos: fertilidade, nascimento, plantio ou colheita, saúde, felicidade, doença e até a morte (DENISE, 2009). Por isso, é necessário conhecer um pouco a cultura africana para poder evitar alguns equívocos que uma visão externa exógena tende a cometer quando vê um africano a dançar durante a celebração fúnebre de um dos seus entes queridos em África.

No que concerne à morte, a título de exemplo, em 2015, tive a oportunidade de acompanhar pela primeira vez de perto a cerimônia fúnebre do meu vizinho, na qual, eu considerava como se fosse um avô, que morreu com 76 anos. Quando este senhor faleceu todos que foram dar o último adeus em sua casa, pude perceber que quase ninguém derramou nem

sequer uma lágrima. A maioria que estavam lá, cantavam, dançavam e bebiam e inclusive os seus próprios filhos. Porém, no dia fizeram presente também dois homens “tugas”<sup>5</sup> que segundo a esposa do falecido, um deles era o patrão/amigo do falecido, homem que o falecido trabalhou durante várias décadas em Portugal. Ora, este senhor vendo aquelas cenas de danças e etc., ficou muito furioso com o pessoal que estavam lá, não aguentou, chamou o irmãozinho e a esposa do falecido para que estes pudessem pôr um fim naquele fenômeno tão estranho ou inusitado que estava presenciando. Contudo, eles, no caso, a esposa e o irmão do falecido, incluindo as pessoas que estavam presentes, tiveram toda paciência do mundo em explicar para ele que aquilo faz parte da cultura/tradição. Porém sem sucesso. O patrão acabou por abandonar o local da cerimónia.

Em contrapartida, algo semelhante aconteceu também quando envolve o nascimento de um bebe tão esperado, como por exemplo, o nascimento do meu primo. Parecia só uma festa quando saiu do hospital. Este breve relato demonstra nitidamente a importância de conhecer um pouco o espaço onde estamos inseridos. Porém, é importante frisar que isso não ocorre só na Guiné-Bissau, mas sim, em praticamente em todos os países deste vasto continente. Como podemos constatar:

Em várias tradições africanas, um recém-nascido é acolhido pelos cantos e pelas danças, já que o nascimento é considerado a verdadeira celebração da vida. Ao contrário, a morte, mesmo sendo um evento triste e que representa o fim de uma vida, também suscita cantos e danças. Os cantos e as danças nesse momento podem proporcionar às pessoas a diminuição da dor e, mesmo em momentos difíceis, levam a partilha da tristeza, enquanto que o falecido se encontra em outro plano, no qual, para ele, a morte reflete-se em alegria, já que se reencontrará com seus antepassados, de acordo com sua cultura. (ALMEIDA, 2020, p. 219)

Desta forma, pode-se afirmar que quando se trata de contexto africano, a música não é feita simplesmente para ouvir ou apenas a frequência sonora que chega aos nossos ouvidos e nos traz encantamentos. Um produto sonoro nas culturas africanas não é apenas um empreendimento criativo frívolo. Mas sim, são partes de narrativas e acontecimentos sociais mais profundos (BESSA, 2021).

Dentro desta perspectiva, ALMEIDA (2020) chama atenção de que a dança africana não deve ser vista em hipóteses nenhuma como igual para todos os países da África, isto devido a pluralidade de culturas existentes dentro do continente, diferenciando-se de lugar para lugar, um fenômeno universal, portanto, é necessário entender que o continente africano dispõe de uma grande variedade de expressões culturais e nem sempre elas acontecem da mesma forma

---

<sup>5</sup> É termo histórico popularmente utilizado na Guiné-Bissau para designar cidadãos de origem portuguesa.



ou com a igual intenção em diferentes lugares. Exemplificando, conta ainda que em algumas localidades, no momento que acontecem, a dança é acompanhada com instrumentos musicais, mas, muitas das vezes, as danças são realizadas simplesmente com a musicalização das vozes que entoam cantos. Com esse relato do autor, podemos notar claramente que há singularidade na música e dança africana de acordo com cada região/país deste vasto continente. Vejamos o relato abaixo:

Regiões muito afastadas entre si apresentam com frequência traços similares mesmo idênticos, enquanto áreas contíguas podem apresentar diferenças estilísticas. A música polifônica dos Baulé, da Costa do Marfim, a três vozes e em sistema tonal equi heptatônico está muito próxima, podemos mesmo dizer que é idêntica, da música vocal dos Ngangela, Chokwe e povos de língua Luvale do leste de Angola, e como tal reconhecida por informadores das várias culturas referidas. As duas regiões estão separadas por vários países com formas muito diferentes de canto polifônico. Outro enigma da história é a presença de estilos de tocar xilofone em instrumentos idênticos no norte de Moçambique (entre os Makonde e os povos de língua Makua) e em alguns povos da Costa do Marfim e da Libéria (especialmente os Baulé e os Kru). O jomolo dos Baulé e a dimbila dos Makonde são instrumentos virtualmente idênticos. (GERHARD KUBIK,1981, p.2)

Cabe frisar aqui que, ao longo dos séculos e principalmente a partir do contato com outros povos, as danças africanas sofreram muitas influências, entretanto, ainda é possível dividi-las em dois grupos: as danças tradicionais e as danças modernas (ALMEIDA, 2020).

Em suma, nas culturas africanas, música e dança tem um sentido muito amplo. Por isso, o conceito de música atribuído em países africanos não pode ser entendido da mesma forma como é compreendido ou encarada no mundo ocidental, porque, a música, na cultura africana como um todo, interliga-se a outras expressões artísticas tais como, teatro, poesia, dança e indumentária. Elo, que a educação colonizadora as separou em disciplinas isoladas, no qual, criou metodologias em que cada uma delas é administrada e avaliada separadamente no currículo escolar, obscurecendo assim a concepção holística da ação musical. (BESSA,2021)

### 3.2 MÚSICA E DANÇA NO CONTEXTO GUINEENSE

Conforme mencionado anteriormente, música e dança sempre esteve presente no cotidiano dos povos africanos desde os tempos mais remotos até os nossos dias. No entanto, a Guiné-Bissau, como sendo um pedaço deste imenso continente, não é exceção. Música e dança desempenharam/am um papel importantíssimo na sociedade guineense, como podemos observar abaixo:

Em muitos países africanos e, em particular, na Guiné-Bissau, a música e a dança são considerados elementos indispensáveis em qualquer manifestação popular e em todas as cerimônias e rituais tradicionais, por exemplo, nas festas de casamento, nas lavouras e colheitas, nos rituais de passagem, nas cerimônias fúnebres e religiosas, assim como, tiveram grande destaque nos momentos mais sangrentos da luta pela libertação: através das histórias e narrativas popular, os combatentes depois de uma batalha sangrenta costumavam cantar músicas a fim de se manterem com bravura, e não deixarem abalar por conterrâneos tombados (CABI, 2019,pág 4-5)

Aqui, citando o caso análogo, podemos constatar que a música de fato contribuiu significativamente no processo de libertação nacional na Guiné-Bissau. E por incrível que pareça, estas músicas continuam a gerar um impacto muito grande na vida dos nós guineenses. Eu mesma, diversas vezes quando sinto saudade da Guiné, recorro as músicas do famoso grupo musical, denominado dos “ Super Mamadjombos” a fim de amenizar a saudade tanto da Guiné como dos meus familiares. Por outro lado, também, músicas desse grupo são utilizadas nas rádios, em certa medida, para transmitir a mensagem de que há algum conflito político no país. O que mostra o poder que a música exerce ainda no contexto guineense.

E com relação às cerimônias e rituais tradicionais, AEGB (2018), explica que na cultura bijagó, a título de exemplo, a canção está extremamente ligada à dança, na medida em que ritmo e melodia se completam de uma forma extraordinária. Os movimentos são livres acabando por ser simétricos, graças aos ritmos que acompanham. Sob outro ângulo, numa das passagens do texto, fala que muitas músicas que acompanham os rituais sagrados, de jeito nenhum podem ser reveladas ao estranho, porque, segundo os bijagós, o intérprete corre o risco de vida. Por esta razão, muitos se limitam em passar apenas informações bem superficiais. Ainda acrescenta que não é qualquer música que se executa durante as cerimônias de iniciação, casamento ou enterro. Para cada momento, há canções específicas que têm carácter sagrado de ritual.

E quanto aos instrumentos musicais utilizadas, o mesmo explica:

Os instrumentos musicais que tanto os manjacos como as balantas e bijagós utilizam são instrumentos muito simples. A viola tricord manjaca buntchundo, o tambor balanta bombolom, maracas e ferros são instrumentos de fabrico simples, com materiais que lhes conferem uma sonoridade familiar – exactamente pela simplicidade e naturalidade dos materiais utilizados no seu fabrico. Aliás, vários objectos em madeira ou ferro, às vezes simples tampas de garrafas ou bidons vazios, servem aos músicos tradicionais, de acompanhamento rítmico. (AEGB,2018, pág 15-16)

De acordo com Manecas Costa a uma entrevista cedida à DNA Kizomba em (2015), <sup>6</sup>na Guiné-Bissau, existem muitos gêneros musicais, entre eles: Broska, Tina, Singanhaka, Gumbé, Kussundé, Cabaz Garandi, Afro-mandinga e etc. E essa variedade mostra a riqueza cultural que

---

<sup>6</sup> Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BCn74DvIJ8s> Acessado em 12.03.23

o país possui.

Ademais, podemos avançar destacando também aqui o estilo musical “RAP”, uma modalidade que vem conquistado corações de adolescentes e principalmente jovens na medida em que, de certa forma, instiga ou promove análise/reflexão sobre a atual situação política, social e educacional em que o país se encontra. Nesse contexto, o grande intelectual guineense, Miguel de Barros, em seu escrito nomeado “Participação Política Juvenil em contextos de “Suspensão” Democrática: A Música Rap em Guiné Bissau”, ressalta o seguinte:

Enquanto manifesto cultural e político mobilizador, o rap guineense transformou a identidade sociocultural dos jovens sem filiação partidária e/ou em estruturas formalizadas, marcadas pela mentalidade de “ jitu ka ten”[não há solução], num projeto de contestação reconhecimento através do seu protagonismo crítico-interventivo. Deste modo, devolveu o orgulho à juventude que é muitas das vezes criticada de não querer envolver-se na política ou de estar mais vulneráveis ao consumo. (BARROS, 2012.p. 196)

Então, em relação a juventude guineense na esfera musical, apesar de existir, a meu ver, uma certa inclinação pelo gênero citado acima, atualmente verifica-se uma aderência muito grande pelos ritmos musicais mais tradicionais. Observa-se que jovens vem compondo músicas em suas próprias línguas étnicas e, os seus shows normalmente ficam lotados tanto da presença desta camada como dos mais velhos, que antigamente fazia mais presente nesses tipos de eventos. Entretanto, este fenômeno apesar de realçar uma determinada cultura étnica, contribui no processo de autoaceitação identitária. Sabe-se que na sociedade guineense ainda existe, um certo tipo de “preconceito” no tange aos grupos étnicos e alguns tem dificuldade em lidar com essas indiferenças. Entretanto a essas músicas pode-se dizer que vem quebrando essas barreiras. É importante lembrar que possível diferenciar os grupos étnicos através músicas e danças na Guiné-Bissau.

Sob outro enfoque, podemos discorrer que a música e dança são meios utilizados no país como forma de recepção, ou melhor, dar boas-vindas. Por exemplo, muitos líderes ou personalidades estrangeiras geralmente são recebidos com músicas e danças tradicionais ao pisar no solo guineense. E isto, em certa medida, é um sinal também de demonstração do respeito.

Para finalizar, é indiscutível como pode-se observar o papel que a música e dança desempenham na sociedade guineense. Por isso, deve ser atribuído o seu devido valor, porque carregam a nossa história e identidade cultural.

#### 4 PAPEL DA MÚSICA E DANÇA NA FORMAÇÃO ESCOLAR DOS GUINEENSES

Música e dança são elementos fundamentais no processo de ensino/aprendizagem devido aos vários benefícios que proporciona aos estudantes, principalmente os mais pequeninos. Hoje em dia, a inserção da música no processo de ensino-aprendizagem é uma ação recorrente do fazer pedagógico e muitos teóricos já apontaram alguns benefícios\vantagens que podemos tirar.

Dentre as inúmeras vantagens que música pode propiciar às crianças, Gohn e Stavracas (2010) destacam:

O trabalho com a musicalização infantil permite ao aluno desenvolver a percepção sensitiva quanto aos parâmetros sonoros – altura, timbre, intensidade e duração –, além de favorecer o controle rítmico-motor; beneficiar o uso da voz falada e cantada; estimular a criatividade em todas as áreas; desenvolver as percepções auditiva, visual e tátil; e aumentar a concentração, a atenção, o raciocínio, a memória, a associação, a dissociação, a codificação, e decodificação etc.[...]( GOHN & STAVRACAS, 2010, p. 87)

Tendo em vista tudo o que foi exposto acima pelo autor, pode-se constatar que a música tem o papel primordial no desenvolvimento das crianças, por esse motivo precisa ser trabalhada nas diferentes instituições escolares. E eu como futura pedagoga subscrevo. Durante os meus estágios realizados nas diferentes instituições públicas de ensino básico, no caso, educação infantil e ensino fundamental anos iniciais, em São Francisco do Conde, tive a grata satisfação de trabalhar com a música no processo de ensino e aprendizagem. E foi uma boa a experiência, podemos, eu, a professora, e os alunos, vivenciar momentos de aprendizado juntos.

Conforme CORREIA (2010), a música pode e deve ser utilizada em vários momentos do processo de ensino aprendizagem, por ser uma ferramenta indispensável na busca do conhecimento, sendo organizado sempre de maneira lúdica, criativa, emotiva e cognitiva. Por isso, os currículos de ensino precisam incitar a interdisciplinaridade e suas várias possibilidades, porque a música ajuda em todas as fases e etapas do ensino, assim como é usada para alimentar o ímpeto patriótico, ilustrando assim as tradições e datas comemorativas, bem como apresentando-se através das diversas manifestações artístico/culturais.

Por falar da ilustração de tradições por meio da música, nada melhor que citar a Guiné-Bissau, por ser um dos países que por intermédio da música e dança é possível identificar determinada cultura. Porém, infelizmente, esses e outros conhecimentos e saberes endógenos

artísticos não constam nos nossos currículos escolares, devido ao espírito eurocêntrico que continua fortemente presente em nossa sociedade.

Assim sendo, acredita-se que este empenho é necessário, pois para além de estimular o aparelho cognitivo das crianças a aprendizagem, também contribui significativamente na construção e reconstrução da sua identidade na medida em que as músicas carregam uma história e elas podem contar histórias das gerações do passado, sua história de luta, de resistência e de conquista. Músicas tradicionais que podem e devem representar um patrimônio imaterial pelo seu importante significado na conquista da independência e construção da identidade nacional. Conservadas e passadas de geração a geração essas músicas assim como muitos saberes tradicionais e a nossa própria diversidade cultural continuam na margem do sistema de ensino e educação.

TIAGO (2017) em seu trabalho intitulado “ Podcast ‘tradição revolucionário’ como material didático no ensino da história da independência da Guiné-Bissau, em síntese, mostra claramente que a música pode ser usada como um instrumento didático na construção de conhecimento histórico. E isto, em certa medida, contribuirá muito na ampliação do repertório cultural dos estudantes guineense, principalmente nas questões que envolvem o processo colonial na Guiné-Bissau.

Em concordância com LEONEL MENDES (2022) em seu trabalho (itinerâncias da política curricular do ensino básico na Guiné-Bissau: saberes locais e diversidade cultural) sublinha:

A política do currículo do ensino deveria priorizar questões da saberes locais e da diversidade cultural nas escolas, uma vez que o país é constituído por vários grupos étnicos. Cada etnia tem uma cultura própria que se pode refletir no modo de viver, na vida social, cultural, espiritual, de organização e ordenamento do território, na construção das habitações, no seu estilo de vestuário, nas crenças religiosas, nas cerimônias, na relação com os seus antepassados, na gastronomia, nas manifestações festivas, na produção artesanal, nas atividades produtivas de natureza econômica, na forma como organiza o poder político, judicial e simbólico. (MENDES, 2022, pág. 109-110)

Ao ceder espaços a esses saberes e conhecimentos endógenos no currículo escolar, as crianças poderão aprender muito sobre a cultura guineense. Na Guiné-Bissau, nas vésperas do carnaval, nota-se uma certa “preocupação” por parte das direções escolares em ensinar as crianças as músicas e principalmente danças dos diferentes grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau, devido ao concurso interno e também interescolar. Entretanto, muitos adolescentes, principalmente crianças, devido ao curto espaço de tempo acabam não aprendendo muita coisa. E aí, a solução mesmo é esperar o próximo ano para resolver a situação. Por outro lado, também

os adolescentes têm uma visão um pouco distorcida no que tange às questões tradicionais e, isso acaba de certa forma dificultando o seu processo de aprendizagem. Assim sendo, tendo uma disciplina que trabalhe especificamente a nossa cultura nas diferentes instituições de ensino, em certa medida, vai ajudar a reverter esta situação.

Como citado anteriormente, a música e dança sempre esteve presente no cotidiano dos povos africanos, em especial guineense, isto é, desde o nascimento até a morte. Sendo assim, uma vez reconhecida o papel que a música e dança desempenharam ao longo do tempo em nossa sociedade, inserir esses elementos culturais no nosso currículo escolar, ou melhor, criar um componente escolar que trabalhe a nossa cultura de modo geral, estaremos não só a descolonizar os nossos currículos eurocêntricos, mas a preservar o nosso bem mais precioso, no caso, a nossa cultura.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do presente trabalho, é possível observar nitidamente o papel da música e dança nas culturas africanas, em especial, guineense. Contudo, tanto esses elementos mencionados quanto outros itens culturais não citados, não constam em nossos currículos escolares na Guiné-Bissau. O que nos induz a questionar ausências destes e outros elementos culturais na formação escolar, pois uma vez inserida poderiam agregar mais o repertório cultural dos discentes.

Com isso, pode-se afirmar com toda clareza que na Guiné-Bissau estamos ainda sob reflexo/efeito da colonização. Embora tornamos um país “independente” em 1973, mas continuamos agarrados aos pensamentos, ideias, práticas e comportamentos deste período tão cruel de nossa história. Durante essa altura, tudo que era proveniente dos povos colonizados eram marginalizadas/menosprezadas. Então, como consequência passou-se a acreditar até hoje na superioridade da cultura europeia em relação aos demais culturas dos países denominados de sul global. E por conta destas influências ideológicas eurocêntricos, o nosso modelo educativo é quase idêntica à de Portugal. E em razão disto, as nossas crianças/adolescentes em vez de aprenderem nas escolas conteúdos mais relacionados a nossa cultura, infelizmente ocorre o contrário. Diante do exposto, faz-se necessário e premente descolonizar esses currículos eurocêntricos.

Sendo assim, introduzir um componente escolar que vai tratar especificamente da cultura guineense, ou então, os elementos culturais citados, as crianças de facto adquirirão

muitos conhecimentos ligado a história do país. Todavia, o que não pode continuar, é a espera das vésperas da maior festa cultural do país, no caso, carnaval para começar a ensinar as crianças algo relacionados a cultura de Guiné-Bissau. Se no decorrer do período letivo poderiam ser trabalhados paulatinamente. Em outro contexto, este fenômeno triste é verificado também, a título de exemplo podemos citar o Brasil, visto que muitas escolas só aproveitam o dia 20 de novembro para falar da história e cultura afro-brasileira, mesmo com existência da lei 10.639/2003. E isso, em certa medida, gera uma lacuna muito grande no processo de aprendizado.

Em síntese, música e dança sem sombra de dúvida dará uma grande contribuição no processo de ensino e aprendizagem na Guiné-Bissau. Várias músicas tradicionais e não só estão cheios de conteúdos que carregam história do nosso país que poderiam ser trabalhadas em salas de aulas. No entanto, é importante deixar claro aqui que, o foco do trabalho não se acentua em apontar/ensinar os métodos/ metodologias de ensino das músicas e danças, mas sim expor a sua relevância nas culturas africanas, com recorte específico no contexto cultural/educacional guineense.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nilson Ferreira de. **Dança Africana**. Revista de Educação Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL, 2020.

Associação de Escritores da Guiné-Bissau. **Sons da Tradição** registo da tradição musical de três etnias da Guiné-Bissau: manjacos, balantas-brassa e bijagós (debubaque). Guiné-Bissau, 2018.

BESSA, Beatriz de Souza. **Artes Musicais Indígenas Africanas**: a pedagogia musical de Meki Nzewi. XXV Congresso Nacional de ABEM, 2021

CABI, Romilson Albat Gomes. **Música como arte de revolução: José Carlos Schwarz no Processo Crítico Social em Guiné-Bissau**. Unilab, 2019.

CORREIA, Marcos Antônio. **A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação**. Curitiba-UFPR. 2010.

COSTA, Manecas. ENTREVISTA À DNA KIZOMBA. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=BCn74DvIJ8s>, acessado no dia 12.03.2023

De Barros, Miguel. **Participação Política Juvenil em contextos de “Suspensão” Democrática: A Música Rap em Guiné-Bissau**. N°21,169-20. Revista Tomo, São

Cristóvão, Sergipe, Brasil, 2012. Disponível em:  
<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/900> .

GOHN, MARIA DA GLÓRIA; STAVRACAS, ISA. **O Papel da Música na Educação Infantil**. EccoS Revista Científica, vol. 12, núm. 2, julio-diciembre, 2010, pp. 85-103  
 Universidade Nove de Julho São Paulo, Brasil.

GOMES, Nilma Lima. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. UFMG, 2012.

GUERRA, Denise. **Corpo: Som e Movimento. Danças brasileiras de matriz africana: “Quem dança, seus males espanta!”**. Revista África e Africanidades, 2009.

GUINÉ-BISSAU. **Constituição da República**. 1996.

JESUS, Adriana Regina de. **Currículo e Educação: Conceito e Questões no Contexto Educacional**. Congresso Nacional de Educação, São Paulo. 2008

KUBIK, Gerhard. **Educação Tradicional e Ensino da Música e Dança Em Sociedades Tradicionais Africanas**. Universidade de Viena, 1981.

**Lei de Bases do Sistema Educativo**. Boletim Oficial da República da Guiné-Bissau, Bissau: Ministério da Educação, 2011.

MACEDO, Celestino Monteiro de. **Textos, Contextos, Temas e Questões**. Onda Didática, Lisboa, 2022.

MACÊDO, Janete Paes de. **Cultura, Currículo e Educação**. V CONEDU. Congresso Nacional da Educação; Campinas Grande, 2018.

MENDES, Leonel Vicente. **Itinerâncias da política curricular do ensino básico na Guiné-Bissau 1973- 2011: saberes locais e diversidade cultural**. UFBA. 2022.

MONTEIRO, João José Huco. **A educação na Guiné-Bissau**, Bissau, 2005.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Candau, Maria Vera. **Currículo, conhecimento e cultura. In: Indagações sobre Currículo: currículo, conhecimento e cultura**. –Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2007.

República da Guiné-Bissau. **Plano Nacional de ação, Educação para todos**. Ministério da Educação Nacional. 2003

SOARES, Emanuel Luís Roque. **Cultura como ponto de partida para educação Afrodescendente**. Anais V CONED. Campina; Realize Editora, 2018

SOUZA, Tiago Barros. “Podcast ‘tradição revolucionário’ como material didático no ensino da história da independência da Guiné-Bissau. UFJF. 2017.

UTINCO, Luís Namua. **Curricularização da Educação Básica no pós independência da Guiné-Bissau**, Unilab, São Francisco do Conde, 2020.